



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15766 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 17 - Filosofia da Educação

POTÊNCIAS FABULATÓRIAS DO CINEMA NA APRENDIZAGEM COM OS SIGNOS
Thaynan de Oliveira Soares Rodrigues - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

POTÊNCIAS FABULATÓRIAS DO CINEMA NA APRENDIZAGEM COM OS SIGNOS

A função da fabulação, conforme nos diz Deleuze (2011), não remete à projeção de um eu, mas sim um elevar-se para devires ou potências. Essas funções fabulatórias estão presentes nas obras de arte, umas mais evidentes do que outras, porém sempre se configurando em potências que levam para a criação de outros mundos, outras possibilidades. Portanto, na fabulação, o indivíduo é como um vidente, alguém que se torna. Nesse sentido, o artista é aquele que inventa, cria, mostra os afetos em relação com os perceptos que dá (Deleuze-Guattari, 2010).

Em Deleuze (2011), a fabulação, no plano de composição estética, é apresentada como o por vir de um povo que ainda não existe, em outras palavras, a invenção de um povo que falta. Embora a princípio essa definição apresente um caráter estritamente político, tomamos a fabulação também como a função que se eleva às potências rumo à invenção de outros mundos possíveis, de modo a suprir uma exigência da vida. Tal exigência nos faz pensar se a fabulação poderia se configurar em um novo tipo de aprendizado, um que ocorresse a partir da violência do encontro do indivíduo com os signos que estão presentes nas imagens, sobretudo as cinematográficas.

Consideramos *a priori* que o aprender está especialmente relacionado com os signos, sendo estes objetos de um aprendizado que é temporal, não necessariamente um conhecimento, um saber, abstrato (Deleuze, 2022). O sujeito que aprende, portanto, considera

“uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados”. (Deleuze, 2022, p. 12). Dessa forma, o próprio aprendizado emite signos, uma vez que todo ato de aprender é uma interpretação desses signos, e é a partir disso que almejamos pensar em um novo tipo de aprendizagem, um como invenção de uma outra sensibilidade.

O cinema é um dos campos de experimentação para pensar as funções fabulatórias e novas possibilidades do aprender. Uma vez que os signos presentes nas imagens atuam também como personagens dos filmes, liberando descrições, pensamentos e leituras (Guéron, 2011), tomamos o cinema não somente como um espaço para o aprendizado, mas também para potências fabulatórias em que seja possível o ato de criação e a produção de novos signos por meio do *inventar*. Apesar de a princípio nosso maior intento ser mapear a aprendizagem com o cinema enquanto experimentação, ou seja, criação a partir do *fazer* cinema, almejamos a possibilidade de mapear uma outra aprendizagem enquanto espectador também.

Assim como Deleuze (2018), consideramos também o cinema um espaço para a filosofia, pois a filosofia para o referido autor é criação, um tipo específico de criação que produz conceitos (Machado, 2009). Tais conceitos não são ideias a serem comunicadas, eles não vêm prontos para serem exercidos, mas ocorrem a partir de uma necessidade de algo inexistente, um ato de resistência (Deleuze & Parnet, 1998) e uma violência do pensamento. Vemos, portanto, o cinema como um espaço de oportunidades, onde se cria novos conceitos por meio do encontro do indivíduo com os signos presentes nas imagens.

Uma vez que nosso intento é mapear as potências fabulatórias do cinema para novas possibilidades de aprendizagem com os signos, a pesquisa procurará operar a partir da triangulação arte-filosofia-educação, utilizando a cartografia como caminho metodológico. Acreditamos que a cartografia é a oportunidade de que precisamos para encontrar outras formas de aprendizagem que não sejam construídas por um modelo de reconhecimento, que constantemente prediz como os indivíduos devem aprender. Portanto, esperamos experimentar algumas possibilidades de aprendizagem com os signos cinematográficos ao identificar as potências fabulatórias que deles emergem.

Considerando que nossa pesquisa tem sido feita com Deleuze, mapeamos, a princípio, os percursos do pensamento sob diferentes perspectivas. Em *Diferença e Repetição* (2024), por exemplo, o autor nos apresenta um pensamento sem imagem, ou seja, um que não é forjado pelo pensamento de uma Imagem dominante, mas que é forçado a pensar a partir do

encontro com o signo. Portanto, vemos que o pensamento em Deleuze não diz respeito a algo que é inato ao indivíduo, tampouco que se aprende a pensar a partir de um modelo de reconhecimento. Pensar é, antes de tudo, criar (Deleuze, 2024), e criação parece estar para o tempo, assim como o tempo parece estar para a criação.

Considerando o cinema moderno, em que o tempo não é mais subordinado ao movimento (Deleuze, 2018), acreditamos que possa haver a possibilidade de um aprendizado que não é meramente processado a partir do sistema sensorio-motor ou pautado na essência das coisas, isto é, uma aprendizagem *útil*; mas em uma aprendizagem que está por vir, uma que permanece fora do que é essencial, na forma pura e vazia do próprio tempo (Deleuze, 2024), no meio de alguma coisa, ou seja, uma aprendizagem *não útil*, que não servirá para nada a não ser em função do próprio aprendizado em si.

PALAVRAS-CHAVE: Deleuze. Cinema. Signos. Aprendizagem. Fabulação.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2 - A imagem-tempo*. 1985/2018 Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. 1ª Edição Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2018, 424 pp.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. 1993/2011. Tradução Peter Pál Pelbart. 2ª edição. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2011. 208 pp.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 1968/2024. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2024. 420 pp.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. 1992/2010. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª edição Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2010. 272 pp.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998, 184 pp.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 1964/2022. Tradução Roberto Machado. 1ª edição Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2022. 172 pp.
- GUÉRON, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento* / Rio de Janeiro : NAU Editora, 2011. 272 pp.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, arte e a filosofia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009. 344 pp.